

HV || DIÁLOGO

# Ricardo Moita

## O futuro está na economia de baixo carbono

**O paradigma está lançado. O futuro das economias mundiais reside na economia de baixo carbono. Investidores, empresas e consumidores procuram produtos ambientalmente sustentáveis. No mercado português apareceu, entretanto, uma empresa ligada à mudança de paradigma, a Ecoprogresso. E, por mais estranho que possa parecer, esta companhia, especialista na gestão de energia e gestão do carbono, aproveitou o contexto para criar um novo paradigma de negócio. Numa conversa com Ricardo Moita CEO da Ecoprogresso ficámos a saber como.**



Texto: Vitor Norinha • Fotos: Estúdios João Cupertino

Ricardo Moita, Gonçalo Cavalheiro, Pedro Martins Barata e a Fomentinvest criaram a Ecoprogresso, uma consultora especializada nas alterações climáticas. Até aqui nada de especial se esta companhia não se assumisse rapidamente como um sucesso dentro da sua especialidade. Tornou-se *advisory* de fundos de investimento em projectos de carbono e evoluiu até à compensação voluntária de emissões. Ou seja, algo que era nefasto para o ambiente e para as economias tornou-se negócio depois de encontrada uma solução. Na verdade, depois das questões ambientais assumirem o papel nuclear das agendas políticas em todo o mundo, o carbono transformou-se numa *commoditie*, ou seja, num activo que pode ser trocado, comprado/vendido ou compensado e tudo a passar--se nos maiores mercados mundiais. O carbono passou a ser tão relevante como a transacção de petróleo, de gás natural, de açúcar, de gado ou de café. Para potenciar este negócio do futuro, a Nyse Euronext (entidade que entre outros activos, detém a Bolsa de Valores de Lisboa) e os franceses da CDC Caisse des Dépôts criaram a Bluenext, a maior bolsa mundial de activos ambientais.

O negócio estava lançado, assim como os princípios subjacentes a este mercado que quer, afinal e simplesmente,

reduzir as emissões de Gases com Efeito Estufa, os GEE.

A Ecoprogresso foi a entidade escolhida para o aconselhamento ao nível do investimento do primeiro fundo português privado de carbono, o Luso Carbon Fund, e do primeiro fundo português com investimento directo em energias renováveis, o New Energy Fund. O paradigma de alteração aconteceu com o comércio europeu de licenças de emissão, tendo decorrido a 1.ª fase entre 2005 e 2007, e a 2.ª fase arrancado em 2008, indo até 2012. Em cada uma destas fases foram atribuídas aos operadores europeus, concretamente às empresas emissoras de carbono, licenças de carbono que representam os limites de emissão de Gases com Efeito Estufa que cada um pode emitir. A alteração do paradigma energético começou com a redução em cerca de 20 por cento do número de licenças atribuídas aos Estados-membros. A passagem de paradigma a negócio está no facto dos analistas e dos *players* da indústria europeia considerarem que nesta 2.ª fase haverá um défice de licenças, o que vai obrigar a compras e vendas de licenças. Na Ecoprogresso acredita-se que o valor da tonelada de carbono gerado que está a transaccionar nos 20 euros, poderá a médio e longo prazo, atingir valores acima dos 25 euros a tonelada.

**Como entende a Ecoprogresso a evolução**





### **do paradigma da alteração climática?**

O protocolo de Quioto não é a solução do problema, é um pequeno passo na direcção do problema. A questão de fundo quando falamos de alterações climáticas e de economia do carbono, é a alteração do paradigma energético da economia mundial.

#### **Como se conseguirá atingir esse objectivo?**

Quando se começou a negociar a questão climática e as suas consequências futuras, a União Europeia defendia o modelo das directivas centralizadas, com regulamentações e regras estritas. No decurso de múltiplas negociações acabou por surgir uma alternativa consubstanciada no Protocolo de Quioto. Era algo diferente, era uma arquitectura assinada pelos EUA, um país que, mesmo assim, ainda não ratificou a convenção. O modelo passava não por criar um sistema de regras, mas algo que tem muito mais a ver com a forma como a maioria dos norte-americanos pensam, para além de ter a ver com a sua economia. A solução final foi a criação do mercado, permitindo, desta forma, ir à procura das soluções custos/eficácia. Esta é a filosofia que está por detrás do modelo de Quioto. Se funciona, ou não, é outro assunto.

#### **Mas qual é o objectivo dos países envolvidos neste processo?**

Claramente, o objectivo de médio e longo prazo de todo este esforço político e económico é, exactamente, uma alteração do paradigma energético. Estamos a fazer um desvio de um paradigma baseado em energia muito barata, para algo em que se tem de trazer para dentro da economia uma série de externalidades. Se estiver a queimar carvão e a colocá-lo na atmosfera, isto irá ter impacto em áreas como a saúde, as questões climáticas, a poluição e acaba-se por pagar essa externalidade.

Logo, ou se paga quando se respira ou se internalizam esses custos na actividade económica.

#### **Com a recessão que se aproxima a passos largos, a questão climática não poderá vir a assumir um segundo plano?**

Tem sido particularmente interessante ver vários políticos europeus e o próprio presidente Barack Obama, darem a entender exactamente o contrário. Todos consideram que o que está a acontecer é o resultado da insustentabilidade em que estávamos assentes e a recessão e a crise constituem mais uma razão para reestruturarmos a nossa economia de uma forma mais sustentável.

Os EUA possuem o melhor e o pior, sendo que nos últimos meses deram uma grande lição ao mundo: o campeão das alterações climáticas parece ter mudado de um





momento para o outro. Na verdade, se até há dois meses, o papel de campeão das alterações climáticas pertencia à UE, hoje é dos EUA, com o presidente Obama a defender regras de "Cap and Trade", idênticas às que temos na Europa. Por outro lado, vemos alguns países europeus a hesitarem nesta questão, caso da Polónia, da Itália e da própria Alemanha.

**Os projectos de alteração de paradigma de consumo estão directamente ligados ao custo da energia de base, com a redução drástica do valor das commodities, ou seja, existe o risco das empresas voltarem a optar pela energia fóssil?**

Sim e isto porque se trago para dentro (da empresa/negócio) o preço de tonelada de carbono isso não che-

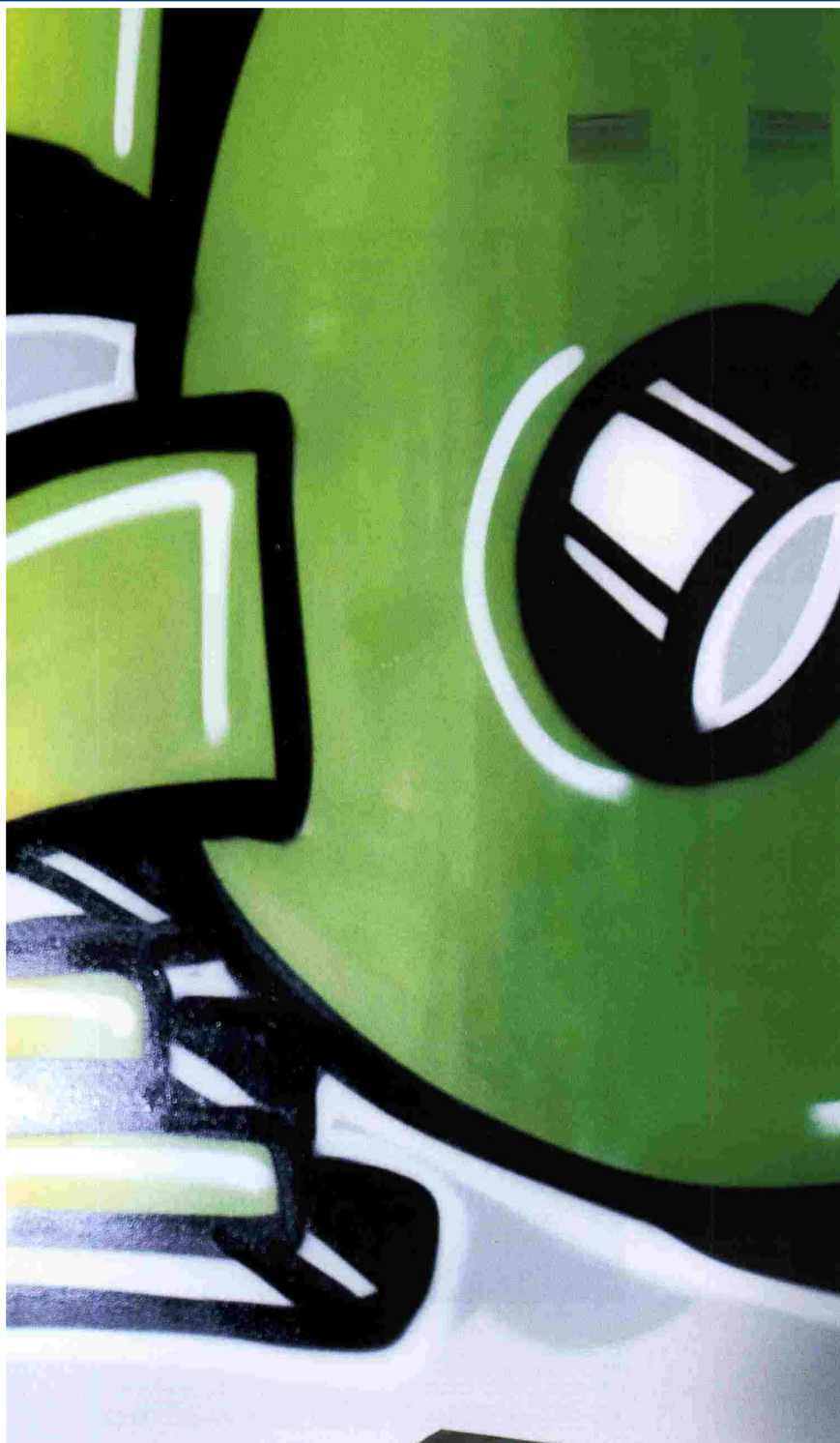
ga, pois preciso que o preço do carbono seja suficientemente alto para promover uma reconversão tecnológica. Obviamente, a baixa dos preços do carvão e do petróleo, dificulta essa conversão tecnológica.

No fundo, para se fazer essa reconversão, com uma racionalização da energia, teremos de arranjar um mecanismo de preço que permita internalizar o valor (na empresa). E, independente dos problemas recentes da economia de mercado, esta é uma questão irreversível.

Há que ter consciência de que hoje somos 6 biliões de pessoas no planeta e não podemos continuar a viver da mesma maneira como temos vindo a viver até hoje. Não existe espaço para isso.

Não é possível haver uma classe média com um nível de vida elevado na China ou na Índia, à semelhança do que





## Ecoprogresso em três vertentes

A Ecoprogresso trabalha na consultoria, no *ecotrade* e na área de *advisory*. Na consultoria, a empresa actua ao nível das instalações industriais, tendo prestado serviços aos clientes no âmbito do Comércio Europeu de Licenças de Emissão. Actua ainda na gestão voluntária de carbono, um serviço que se aplica às entidades que não estão sujeitas a nenhuma obrigação legal de redução de emissões. Actua, também, nas políticas públicas e onde se inclui o apoio ao Ministério do Ambiente; para além de trabalho na consultora às empresas que pretendam aproveitar as oportunidades criadas pelos mecanismos de flexibilidade do Protocolo de Quioto.

Ao nível do *ecotrade*, a empresa faz serviços de compra e venda de licenças de emissão e tem apoiado as empresas nacionais no acesso ao mercado europeu de licenças de carbono. Na vertente de *advisory*, está com o fundo Luso Carbon Fund, que é promovido pelo BES, Banif Investment Banking e Fomentinvest SGPS. Este fundo já fez investimentos em três continentes. A empresa aconselha ainda o New Energy Fund, um fundo português de 50 milhões de euros, com investimento directo em energias renováveis.

existe na Europa, com o paradigma energético que temos hoje. No entanto, atingir um elevado nível de vida poderá ser possível para aquelas populações, desde que se faça a racionalização do uso de energia.

### O que traz de *apport* para a Ecoprogresso o facto de estar envolvida em dois fundos de investimento?

Os dois fundos têm realidades diferentes. O fundo de carbono tem uma perspectiva global e está a competir no mercado de investidores com alemães, franceses, ingleses e suecos, sendo que os investidores do fundo são todos nacionais. Este fundo permite a criação de *know-how* de ponta num mercado emergente. É uma empresa pequena que está a actuar no mercado global. Temos projectos em muitos locais do mundo, com pessoas a trabalhar em

permanência na República Popular da China e no Brasil e ainda recentemente decidimos abrir um escritório na Indonésia.

O outro fundo está ligado a projectos de energias renováveis. Os investimentos são um pouco mais restritos, não têm uma perspectiva tão global, o que não quer dizer que não se altere esta estratégia, até porque têm sido identificadas uma série de oportunidades, fundamentalmente em mercados emergentes. Nestas geografias as rentabilidades são maiores do que se (os negócios) ocorrerem em Portugal ou em Espanha. Claro que existem outros riscos de um contrato na República Popular da China ou na Indonésia, mas as rentabilidades são bastantes mais elevadas.

### Quais as rendibilidades geradas?





## HV|||RICARDO MOITA

O fundo de carbono estava com 19 por cento em 2008, mas o segundo fundo começou apenas em Dezembro.

### **Como funciona a negociação de carbono, com todos os entraves conhecidos?**

Pretende-se que após 2012, o sistema funcione de uma forma mais global, com a entrada nos EUA. Isso significa trazer o maior emissor a nível mundial para dentro do sistema, trazendo, assim, mais liquidez.

### **A entrada dos EUA no sistema pode significar atrasos nas decisões a nível de controlo de emissões?**

O presidente Obama já disse claramente que não, que isto é para fazer, independentemente de haver ou não recessão, pelo contrário a recessão é mais um incentivo para que se faça. Também é verdade que a política norte-americana não é linear. A questão da indústria automóvel, onde existem três gigantes, mais ou menos obsoletos, é algo que irá pesar e custar caro, pois representam, directa e indirectamente, três milhões de empregos. Mas a verdade é que aquela indústria para além de ser obsoleta, não se adaptou às novas realidades tecnológicas, incluindo os de consumos energéticos.

### **O vosso lema “O futuro em estado puro” é para ser atingido quando?**

Essa frase tem muito a ver com a forma como vemos este mercado, o qual está a ser criado à medida que estamos a falar, não está fechado, não está definido, tal como o nosso dia-a-dia. Vivesse e criasse esse futuro hoje.

### **Como se deve entender o carbono?**

É uma *commoditie*, é uma forma de trazer para dentro

**Não é possível haver uma classe média com um nível de vida elevado na China ou na Índia, à semelhança do que existe na Europa, com o paradigma energético que temos hoje**

da economia externalidades, é um mercado que é novo, que é emergente, e cujas regras estão a ser criadas à medida que estamos a falar. O objectivo é criar uma sustentabilidade na economia e fazer com isto fique cá para nós, para os nossos filhos e para os nossos netos.

### **Dentro das novas realidades económicas, e com o crescimento acelerado destes negócios, que reestruturação está a ser pensada para a Ecoprogresso?**

A Ecoprogresso foi fundada por mim, pelo Gonçalo Cavalheiro e pelo Pedro Martins Barata, sócio que, actualmente, já não tem funções de gestão. A Fomentinvest entrou no capital social há quatro anos e tem 50 por cento. Estamos numa fase de reestruturação accionista e da própria empresa, a qual começou como financeira, tendo



evoluído para consultora. Neste momento estamos a separar as várias áreas de negócio, com a consultoria “pura e dura”, a área do *trade*, a compra e venda de licenças e a parte de gestão de activos, fundos e criação de projectos. Faremos *spin-offs* ancoradas por uma SGPS.

Isto acontece por questões de “higiene” de contas e devido a conflitos de interesses. Antigamente não se justificava, por uma questão de massa crítica. Temos aqui três negócios com modelos contabilísticos e de gestão totalmente diferentes, incluindo a remuneração das pessoas.

A Ecoprogresso será a SGPS e terá três empresas ligadas. Vai haver uma diferença de accionistas nas participadas, com os bancos na gestão de activos, enquanto no *trade* também queremos ter um banco, que será do universo da casa. Esta será uma primeira fase, mas para ter uma ambição global a ideia é trazer para dentro alguém com essa perspectiva global, caso de um investidor financeiro internacional, mas os últimos meses complicaram esta ideia e estamos à espera que “assente a poeira”.